

SIMPÓSIO AT131

O INSÓLITO EM CONTOS DE MIA COUTO E A CONSOLIDAÇÃO DO LEITOR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

VIEIRA, Ilma Socorro Gonçalves
Cepae/UFG
ilmasgv@gmail.com

Resumo: A literatura de Mia Couto se ressalta na contemporaneidade, por suas dimensões estéticas e sua natureza mimética capaz de instaurar uma dinâmica entre o plural e o singular da condição humana, mantendo o vigor da língua portuguesa, em sua contínua evolução. Na contística do escritor moçambicano, o insólito rompe com a noção de hesitação – por parte do leitor ou das personagens – e os eventos incomuns não geram estranhamento nos universos ficcionais estabelecidos. E o leitor, embora tomado pela perplexidade, tende a suspender, no ato da leitura, as noções da realidade objetiva e a aderir, deliberadamente, a esses universos, nos quais a hipérbole propõe perspectivas inusitadas em relação ao mundo. Na obra, o insólito ainda sugere intensa ironia no olhar lançado sobre a realidade, a partir de uma percepção sensível da vida dos sujeitos da margem da história de Moçambique. Neste trabalho, com base em importantes observações de leituras na Educação Básica, pretende-se discutir a relevância da linguagem literária, especificamente em se tratando da instauração do insólito, e suas contribuições para a formação humana e para a constituição do leitor. As referências são os contos “O não desaparecimento de Maria Sombrinha” e “O coração do menino e o menino do coração”, da coletânea *A menina sem palavra: histórias de Mia Couto* (2013). As referências teóricas são estudos de Todorov (2008), sobre literatura fantástica, de Schwartz (1981), acerca da instauração do insólito na literatura, e de Antonio Candido (1989), em relação ao direito à literatura e ao papel humanizador que ela cumpre.

Palavras-chave: Contos de Mia Couto; Instauração do insólito; Constituição do leitor; Educação Básica.

Abstract: Mia Couto's literature stands out in contemporaneity for its aesthetic dimensions and mimetic nature that establishes a dynamic between the plural and singular of the human condition, maintaining the vigor of the Portuguese language in its continuous evolution. In the Mozambican writer's short stories, the unusual breaks with the notion of hesitation - on the part of the reader or the characters - and the unusual events do not generate estrangement in the established fictional universes. Reader tends to suspend the notions of objective reality and to adhere to these universes, in which hyperbole proposes unusual perspectives in relation to the world. In the work, the unusual still suggests an intense irony in the gaze cast on the reality, from a sensitive perception of the subjects' life of the edge of the history of Mozambique. In this work, based on readings in Basic Education, we discuss the relevance of the

literary language, specifically in what concerns the instauration of the unusual, and its contributions to the human formation and to the constitution of the reader. The references are the short stories "O não desaparecimento de Maria Sombrinha" and "O coração do menino e o menino do coração", from the collection *A menina sem palavra: histórias de Mia Couto* (2013). The theoretical references are Todorov (2008) on Schwartz's fantastic literature (1981), about the establishment of the unusual in the literature, and Antonio Candido (1989), in relation to the right to literature and the humanizing role that it fulfills.

Keywords: Mia Couto's short stories; Instituting the unusual; Constitution of the reader; Basic education.

Introdução

O reconhecimento da literatura em língua portuguesa hoje se faz considerando o caráter plural manifesto também por meio das obras de autores de nacionalidades, antes pouco prestigiadas no cenário da produção cultural universal. Isso se evidencia, entre outros, com a crescente adesão de leitores à literatura de determinados autores, como o moçambicano Mia Couto (1955), e com as significativas premiações que estes vêm recebendo. A importância desse reconhecimento se dá pelo fato de não se tratar de um processo de redução do valor, historicamente, atribuído à literatura de autores lusitanos e brasileiros, mas de uma ampliação do olhar em relação à arte da palavra escrita em língua portuguesa.

Tratando, especificamente, da contística de Mia Couto, observamos a instauração de universos ficcionais que se estabelecem por suas dimensões estéticas, capazes de projetar a percepção do leitor para além de sua atmosfera individual e, com isso, promover a pluralidade da condição humana, com a proposição de múltiplas maneiras de se perceber a realidade. O estético, nesse sentido, articula-se de modo a transpor limites, inclusive, entre ficção e história, na criação de novas realidades, tão verdadeiras quanto fictícias, posto que, os universos habitados pelas personagens criadas pelo autor espelham, muitas vezes, contextos de Moçambique, em particular, o cotidiano com os desafios vividos pelos herdeiros da herança histórica deixada pelo processo de colonização naquele país.

Entre os procedimentos literários empregados pelo autor, o insólito se ressaltava em alguns contos, sugerindo uma ruptura com a noção de hesitação, seja por parte das personagens, seja por parte do leitor. Por um lado, porque os enredos se desenvolvem como se, de alguma forma, o inusitado fosse previsível às personagens, portanto, sem causar a elas estranhamento; por outro lado, a perplexidade por parte do leitor parece se render aos efeitos de sentido produzidos pela hipérbole, tomada nos contos como possibilidade para a amplificação da sensibilidade em relação às questões humanas enfocadas.

Neste breve estudo, a manifestação do insólito será observada nos contos “O não desaparecimento de Maria Sombrinha” e “O coração do menino e o menino do coração”, publicados na coletânea intitulada *A menina sem palavra: histórias de Mia Couto* (2013). No primeiro conto, o inusitado convida o leitor a expandir sua percepção acerca das questões sociais envolvidas na relação entre as classes, com enfoque na menos favorecida economicamente, em decorrência do modo como se desenvolveu o processo histórico da fundação de Moçambique. No segundo conto, o extraordinário potencializa a essência do poético, ao propor uma imagem na qual se articulam o princípio da hipérbole e o da metáfora.

O enredo de “O não desaparecimento de Maria Sombrinha” consiste, basicamente, na história de uma menina, cuja família era pobre ao ponto de a garantia de alimentação parecer quase utópica. O pai, que percebia a mesa de jantar, e depois a cama, diminuindo a cada dia, protagoniza no conto juntamente com a filha Maria Sombrinha, em uma relação de cumplicidade, que assegura o “não desaparecimento” daquela que, mesmo “ainda menos que adolescente” (COUTO, 2013, p. 82), inicia-se na condição de mãe. Ignorado pelo restante da família, em sua observação relativa à mesa, o pai passa a chamar a atenção para a diminuição que vai se operando no tamanho da filha, até só poder ser vista por ele mesmo, em uma suposta condição de aniquilada e esquecida, pela sociedade e pela própria família.

O insólito vai se estabelecendo na narrativa, a partir do nascimento da filha de Maria Sombrinha, Maria Brisa, que recém-nascida dá à luz a outra

criança. Percebe-se, nesse sentido, a sugestão de um processo de potencialização da precariedade na qual vivia Maria Sombrinha, a quem faltavam as condições até para se desenvolver adequadamente. Logo, “Sem ter idade para ser filha como podia desempenhar maternidades?” (COUTO, 2013, p. 82). Além disso, a menina que dela nasceu “pesava *tão nada* que a mãe se esquecia dela em todo o lado” (p. 82, grifos nossos), e ainda assim, antes de nove meses, fez com que Maria Sombrinha se tornasse “mãe e avó quase em mesma ocasião” (p. 83).

É importante destacar a relação entre a manifestação do insólito e algumas das principais considerações de Todorov (2004) acerca da literatura fantástica. Para o formalista russo, o âmago do fantástico compreende um “mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros”, no qual “produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas mesmas leis deste mundo familiar” (TODOROV, 2004, p. 30).

Em se tratando do conto de Mia Couto, é possível notar, de início, um mundo que nada tem de extraordinário, embora se refira a uma situação que subverte a uma ordem natural e social estabelecida: a gravidez na infância/adolescência. O inexplicável pelas leis desse mundo surge, em seguida, com o detalhe de uma recém-nascida engravidar e dar à luz a outra criança. A partir desse dado gerador de estranhamento, o leitor é introduzido, deliberadamente, nos domínios do fantástico, de modo a ser convocado a percorrer a história narrada, buscando um sentido alegórico para a situação na qual se apresenta a personagem Maria Sombrinha.

A reduplicação por que passa essa personagem, com o nascimento da filha Maria Brisa e, tão logo em seguida, da filha da filha, sugere uma construção hiperbólica que se estabelece na tensão entre o ampliar e o encolher, posto que, a partir daquele duplo nascimento, que configura um potencial extraordinário de automultiplicação, um processo de sentido inverso passa a se operar, pois “Sombrinha, afinal das contas, sempre se confirmava regredindo” (COUTO, 2013, p. 83).

Vale destacar que o sentido alegórico sugerido na regressão do tamanho de Maria Sombrinha pode referir-se ao aniquilamento sofrido pelas classes sociais menos favorecidas economicamente, em um país de origem colonial e que ainda luta por uma efetiva independência das amarras impostas pelos colonizadores, como é o caso de Moçambique. Como se observa em vários contos de *A menina sem palavra*: histórias de Mia Couto, há naquele país uma divisão bem marcada entre a condição de vida dos imigrantes portugueses e seus descendentes e a condição dos nativos e descendentes moçambicanos. Enquanto os primeiros, de linhagem portuguesa, usufruem de melhores recursos econômicos e prestígio social – muitas vezes até gozam de privilégios –, os segundos, em grande parte, propagam em suas gerações a privação econômica e o desprestígio social.

A família de Maria Sombrinha, nesse sentido, representa o lado dos colonizados, dos que herdaram os efeitos da opressão imposta pelos portugueses, em suas investidas em busca da colonização de novas terras, no continente africano. Como informa o narrador: “Deu-se o caso numa família pobre, tão pobre que nem tinha doenças. Dessas em que se morre mesmo saudável” (COUTO, 2013, p. 81).

Em estudo sobre a obra do contista brasileiro Murilo Rubião, Schwartz (1981) considera que, na poética do autor, a hipérbole se manifesta “como figura-chave que desvenda os mecanismos fantásticos da narrativa” e que ela “se apresenta sob duas modalidades: aquela que exagera por aumento” – hipérbole por dilatação – e a “que exagera por diminuição” – hipérbole por contração (p. 70-71). Nos dois casos, ela participa diretamente da instauração do fantástico na narrativa e, pela sua intensidade, tende a promover, na consciência do leitor, uma transposição da realidade objetiva para outra de natureza figurativa.

Em se tratando do conto de Mia Couto, observa-se que o insólito se estabelece em um movimento no qual a hipérbole “por dilatação” (multiplicação extraordinária de Maria Sombrinha) e a hipérbole “por contração” (diminuição

formidável de Maria Sombrinha) articulam a expressão do ponto de vista crítico, irônico, lançado sobre a situação social representada no conto.

Quanto à narrativa “O coração do menino e o menino do coração”, observa-se a proposta de uma tensão, que se manifesta desde o título, com a pluralidade de sentidos, possíveis de ser construídos a partir do substantivo “coração”, considerado em sentido literal ou figurado e nas duas diferentes posições ocupadas nos termos: “coração do menino” e “menino do coração”. Essa tensão se mantém no conto, de maneira a sugerir a força da construção da metáfora na instauração do insólito.

O conto apresenta a história de um garoto nascido com algumas anomalias, como pés enviesados, fala desarticulada e coração de tamanho e batimentos *sui generis*. Embora nem mesmo a mãe considerasse que ele soubesse escrever, um volume de cartas já havia endereçado a uma prima, quando se tornou rapaz. Para os médicos, era um desafio “encontrar um nome para a doença dele” (COUTO, 2013, p. 101). Por isso, tendo ele falecido, “em azulidão de pele, todo frio como se nenhuma luz dele tivesse vontade”, os “médicos acorreram para levar o corpo e lhe administrarem a extrema-autópsia. Lhe arrancaram o coração, o universátil músculo, *enormíssimo como um planeta carnudo*” (p. 102, grifos nossos).

A hipérbole construída funciona, na narrativa, como um passaporte para a introdução do leitor em um universo, no qual a realidade empírica é alterada, mas sem que o estranhamento inicial se estenda para além do instante em que se instaura a metáfora do “coração enorme” e os seus desdobramentos de sentido no contexto do conto. O insólito, por sua vez, se estabelece a partir do momento em que a prima do falecido rapaz resolve ler as cartas nunca lidas, por ninguém acreditar que ele fosse capaz de escrever.

Durante a leitura, a moça reconhecia: “Aquilo não eram cartas mas versos de lindeza que nem cabiam no presente mundo” (COUTO, 2013, p. 103). E enquanto, envolvida, Marlisa lia os versos, “na vitrina gelada do

Hospital” o coração do primo “mais se desembrulhava, tremelusco-fuscando” (p. 103):

Até que, daquele novelo vermelho, se viu desprender um braço, mais adiante um pé e a redondez de um joelho e mais argumentos que faziam valer o facto: aquele coração estava em flagrante serviço de parto! E se confirmava, vinda das entranhas do *útero cardíaco*, uma total recém-criança. (COUTO, 2013, p. 103, grifos nossos).

A potência poética sugerida na imagem de um “útero cardíaco” não apenas revela tratar-se, metaforicamente, do coração de um poeta, mas também propõe pensar na fertilidade do lirismo como nascedouro da poesia. A “recém-criança” nascida do coração do rapaz é, nesse sentido, o “menino do coração”, metáfora da poesia, que subsiste para além do poeta, renasce e revive em cada instante em que o leitor a faz emergir por meio de sua leitura.

Nessa perspectiva, para além de gerar estranhamento, o insólito promove possibilidades de amplificação da sensibilidade, em relação à poesia, mas, sobretudo, quanto à condição humana, tão diversa e ao mesmo tempo única. Essa ideia se sustenta no encerramento do conto, com a sugestão de que o rapaz – identificado na narrativa apenas pelas suas anomalias –, embora, enquanto vivia, se mantivesse bastante isolado pela linguagem, conseguiu, após a sua morte, comunicar o que parecia ser incomunicável, estabelecer e eternizar sua linguagem, por meio da poesia. Isso porque a condição humana é sempre compartilhada, mesmo na singularidade de cada ser.

Candido (1989, p. 122) considera que “a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual”. Trata-se, portanto, de uma arte “relacionada com a luta pelos direitos humanos” e que “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (p. 112).

Tomando como referências os contos de Mia Couto, aqui abordados, confirma-se a importância da literatura em seu papel humanizador, pois, nenhuma outra forma parece mais valiosa do que a narrativa “O não desaparecimento de Maria Sombrinha”, na denúncia e no convite à reflexão crítica acerca das desigualdades sociais e seus desdobramentos na história de um povo. E, certamente, por meio da narrativa “O coração do menino e o menino do coração”, o leitor se depara com uma das melhores maneiras de se perceber a essência do humano, que encontra na poesia o impulso perfeito para sua infinita capacidade de reverberação.

Assim, nos dois contos, mais que resultado de um procedimento literário, o insólito é aspecto responsável pelo importante movimento experimentado pelo leitor, o de sair de sua real condição e, em seguida, a ela regressar, com sua experiência humana enriquecida, reelaborada e ampliada, a partir de situações antes não imaginadas.

Nesse sentido, na mesma proporção do direito de acesso à literatura, sobretudo por parte das crianças e dos jovens, apresenta-se o dever de se assegurar esse acesso, por meio de políticas públicas, educacionais e institucionais, comprometidas com a formação social e humana.

Referências

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: FESTER A.C.R. (Org.) **Direitos Humanos e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COUTO, Mia. **A menina sem palavra**: histórias de Mia Couto. São Paulo: Boa Companhia, 2013.

SCHWARTZ, Jorge (1981). **Murilo Rubião**: a poética do uroboro. São Paulo: Editora Ática.

TODOROV, Tzvetan (2008). **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva.